



C. BIOLÓGICAS - PÁGINAS 6 e 7

FCL abrigará Museu de Geologia e História Natural

E mais: Encontro da Arte com a Educação é tema do Artigo Docente; Professor da UNESP/Assis é convidado em “live literária” de jornalista; XXXII edição da Semana de História aborda Direitos Humanos; Congresso de Iniciação Científica promove contato entre pesquisadores de várias unidades da UNESP; I Encontro Sobre o Pensamento Social Brasileiro relembra o centenário do sociólogo Florestan Fernandes; Evento apresenta relatos de psicólogos que atendem pacientes afetados pela Covid-19; Encontro da UNATI discute temas relacionados ao envelhecimento; Docente de História ministra palestra sobre museologia a alunos da rede pública estadual; CPPA adota novo formato de atendimento *on-line* durante a pandemia; Seção Cultural traz artigo e mais uma obra do artista e aluno da FCL, Igor Matos.



jornal

NOSSO CÂMPUS

Informativo da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis
Ano XV ed. 63 [novembro de 2020]

O encontro da arte com a educação escolar na formação do psiquismo

Entre os meses de setembro e novembro de 2020, um grupo de estudantes de Psicologia organizou um conjunto de três eventos, por meio da plataforma *Google Meet*, que versou sobre *Escola e Formação Cultural*. Os eventos foram planejados como ações de um único projeto intitulado "O lugar da psicologia no percurso de formação artístico-cultural de estudantes da Educação Básica" - Programa *Núcleos de Ensino* - Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD - UNESP - com o apoio do Departamento de Psicologia Social.

Neste projeto considera-se a arte como instrumento proveniente da ação humana intencional, objetivada ao longo do processo histórico, que possibilita ao sujeito o desenvolvimento de funções psíquicas como a linguagem, o pensamento, a percepção, a atenção, memória, sentimento e a produção imaginária, além da possibilidade de conhecer e transformar sua realidade social. Duas questões guiam as ações do projeto: A que serve a arte na vida dos indivíduos? A que serve a arte na escola?

O objetivo geral é promover a relação

entre arte e educação escolar, estimulando a experiência estética na formação dos estudantes da Educação Básica e, de maneira específica, suscitar vivências artístico-culturais internas e externas à escola, capazes de aproximar a arte do processo de formação dos estudantes do ensino fundamental, tendo em vista a educação dos sentidos. O projeto também almeja contribuir para a formação inicial dos graduandos de Psicologia, com estudos indicativos dos fundamentos da concepção materialista de arte elaborada por Vigotski e investigada por alguns pesquisadores brasileiros visando explicar como a arte contribui para o desenvolvimento do psiquismo humano.

Para compor a programação, o primeiro evento tratou do tema "Escola e Formação Cultural: a Literatura em foco". Para explicar sobre o papel da Literatura na formação humana estiveram presentes as professoras Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto, Livre-docente em Leitura e Escrita e docente na UNESP/Marília-SP e Aline Escobar Magalhães Ribeiro, Doutora em Educação. Baseando-se na filosofia da linguagem e na teoria Histórico-Cultural, a professora Cynthia destacou o papel da arte estética literária como um caminho para se desenvolver uma sensibilidade estética. Aline Escobar lembrou o papel da literatura na construção do argumento narrativo destacando os processos psíquicos imaginativos e a atividade criadora. Ambas reiteraram a escola como espaço privilegiado para vivenciar o triplo processo produzido por meio da literatura na infância: socialização, humanização e singularização.

Em outubro, foi a vez de abordar "Escola e formação cultural - o Teatro em cena". Para este evento as convidadas foram Susan Renata Lopes que, além de docente no curso de Artes do Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO -, é professora de teatro na Divisão de Ensino às Artes da Secretaria Municipal de Cultura de Bauru-SP e Rosana Machado de Souza, Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora do ensino básico e tecnológico no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. As professoras defenderam a presença do teatro no processo escolar argumentando sobre os efeitos decorrentes desse tipo de vivência artística: incremento da linguagem, da imaginação e a possibilidade de conhecer e vivenciar os dramas sociais de homens



e mulheres. Rosana Machado abordou o teatro negro na educação básica e o *letramento racial* como estratégia pedagógica para a educação das crianças.

Por fim, em novembro, foi a vez de trazer a música para compor a tríade de encontros com a arte, que pode e deve estar presentes na formação dos estudantes da escola básica. Este evento contou com a presença das professoras Patrícia Lima Martins Pederiva, Licenciada em Música, Especialista em execução musical, Doutora em Educação e docente na Universidade de Brasília e Kátia Maheirie, graduada em Psicologia pela UFSC, Mestre e Doutora em Psicologia Social. O tema "Escola e formação Cultural: a música em pauta" apresentou projetos desenvolvidos pelas professoras e trouxe a educação e o desenvolvimento musical como *partilha das sonoridades* a partir de experiências anteriores e, com isso, a criação e experimentação. Ambas explanaram conceitos de Vigotski e outros autores da Teoria Histórico-Cultural, defendendo a linguagem musical como potência de ação, instrumento de emancipação e possibilidade de organização das emoções. Nesse sentido, a educação musical traz para o sujeito, que em primazia é cultural e musical, a potência e a possibilidade de organizar sua consciência e emoções a partir das experiências que lhe são próprias.

Claudia Aparecida Valderramas Gomes é docente no curso de Graduação em Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis - área de conhecimento Psicologia e Sociedade.

Professor da FCL participa de *live* com a jornalista Paula Autran

Mateus Abreu

No final do mês de outubro, dia 29, o professor Gilberto Figueiredo Martins, docente da área de Literatura da UNESP/Assis, participou de uma *live* com a jornalista e professora, Paula Autran. A *live*, com o tema A tragédia e o trágico hoje, faz parte do projeto A Linguagem e a Pandemia.

O professor explica o uso do trágico, hoje, na língua cotidiana, quando devidas situações são classificadas como trágicas, embora não condizentes com os preceitos gregos. Diz que ver e receber o trágico, hoje, necessita da "climatização" do contexto; é tarefa difícil ler a obra com os olhos da época. Segundo o professor, o ideal é que se leve em consideração a obra antes como um texto do que como uma encenação; afigurar-se a encenação como se realizava na época, distancia a tragédia dos dias de hoje, mas, quando vista como um texto, a formalização do contexto histórico é mais bem compreendida. O elevado grau artístico das

tragédias, que temos hoje, mostra que muito da evolução do texto trágico se perdeu, sendo ele reconhecido como grego apenas pela conservação de manuscritos, que podem ter sido datados, anos antes, em outras civilizações.

O professor fez diversas referências a respeito da tragédia, falando sobre a necessidade de haver conflito verbalizado como exigência da tragédia e sobre a formação do gênero trágico que se deu pela união da ação e do conflito encenados. "Essa é a essência do teatro grego; que haja um conflito e que esse conflito seja verbalizado", disse o professor, e relata que tradição oral e história na antiguidade clássica se misturaram, explicando que a tradição da época, influenciada majoritariamente pelos deuses, fez com que os fatos se confundissem com o mito. "Caso parássemos para pensar sobre a guerra de Troia - utilizamos muito a Odisseia e a Ilíada para entender o que foi a guerra de Troia - veríamos que, não obstante se misturarem vida e mitos, é o literário que auxilia sua compreensão".

O professor aborda o uso de termos com

significado diverso do da época da encenação das tragédias, por exemplo o termo mito hoje tem outros significados, formados pelo cotidiano e pela indústria cultural, além dos de então. O vocábulo mito, que hoje em dia pode servir como um adjetivo voltado à ideia de invenção ou mentira, ou à idolatria quando ligado a uma personalidade pública, na teoria da tragédia tem outro significado. "O mito era um modo de representação do mundo e da verdade daquele momento; assim como os índios contam fábulas e lendas, eles dispõem de um modo poético de contar a verdade sobre as origens", disse Gilberto.

Por fim, o professor deu explicações sobre como se usava, na antiguidade clássica, a ficção para a compreensão do contexto histórico, geográfico e social e para um ensino atemporal em razão do valor literário e estético dos termos. Comentou, também, o uso do clássico na psicanálise e na psicologia analítica de Young, além de apontar para outras analogias do trágico nos dias de hoje. E conclui informando que a *live* completa se encontra no perfil do *Instagram* da entrevistadora Paula Autran, @paula.autran.

Live com Paula Autran e Gilberto Martins.

"O trágico e a tragédia hoje".

Dia 29/10 às 11:00.

No instagram @paula.autran

NO PROJETO "A LINGUAGEM E A PANDEMIA".



Jornal Nosso Câmpus
Ficha Técnica

Reitor:
Sandro Roberto Valentini

Vice-reitor:
Sergio Roberto Nobre

Diretor da FCL - Assis:
Darío Abel Palmieri

Vice-Diretor da FCL - Assis:
Francisco Cláudio Alves Marques

Editoração, Revisão e Coordenação:
Cláudia Valéria Penavel Binato

Textos e Fotos:
Equipe JNC

Diagramação:
Mayara Crispim Marino

Colaboração Técnica:
STAEPE

Esta é uma publicação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Núcleo Integrado de Comunicação. Comentários, dúvidas ou sugestões, entre em contato pelo e-mail: jnossocampus@gmail.com.

Palestra de antropóloga encerra XXXVI Semana de História da FCL

Lilia Schwarcz, da USP, participou com o tema “Autoritarismo e Pandemia em tempos pouco democráticos”

Marlon Junco

Para refletir acerca da constituição dos Direitos Humanos, seus avanços e recuos, ocorreu na FCL a XXXVI Semana de História - Direitos na História. O evento foi organizado virtualmente - como parte da programação disponibilizada no [YouTube](#) - pelo Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História do Câmpus.

A programação contou com convidados renomados da área, além dos professores da Unidade, o que propiciou aos alunos novos olhares sobre o presente em uma perspectiva essencialmente histórica.

Na conferência de encerramento, mediada pela docente Tania Regina de Luca, Lilia Schwarcz, professora titular do Departamento de Antropologia da USP, relevante para historiografia brasileira, participou com o tema “Autoritarismo e Pandemia em tempos pouco democráticos”, relacionando a Gripe Espanhola, de 1918-1919, com a atual pandemia da Covid-19. A atualidade não está dissociada do passado e ocorrências passadas se repetem. Fala-se do negacionismo e das teorias da conspiração. “O presente também está, infelizmente, cheio de passado, ou seja, se o motor da história é a mudança e história não existe sem mudança, é preciso considerar também que história é repetição, é reiteração. Uma reiteração alterada, mas que faz ressoar os fantasmas do passado”, disse a antropóloga.

A presente conjuntura cria insegurança e angústia pela incerteza quanto ao futuro. A pandemia de 1918 que chegou ao Brasil pelo navio da morte, o Demerara, compartilha similitudes com a pandemia de 2020 propagada com as viagens de avião. Os meios são diferentes, mas os reflexos sociais, próximos: no passado chegou-se a ser acreditar que canja de galinha e sal de Quinino têm virtudes para combater a gripe. Hoje é a Cloroquina que tem eficácia, além de outros métodos ou receitas caseiras. Porém, diferentemente do passado, são os atuais representantes do governo que concorrem para a difusão de inverdades.

O contexto pandêmico interfere nas distintas esferas, na social, na política, na cultural, como também no meio am-



Foto: Google

Lilia Schwarcz: “O presente também está, infelizmente, cheio de passado”.

biente. Para enfrentar a situação é preciso pensar no coletivo que impacta o individual. Por isso, a máscara, já usada em outros momentos, não pode ser vista como razão para litígio. Ainda que a humanidade tenha tido avanços extraordinários no combate às doenças, não foi possível evitar a disseminação da nova pandemia. Sobre isso, a palestrante observou: “O nosso século XX foi o século da tecnologia, mas nem toda essa nossa tecnologia fez com que nós fôssemos capazes de conter um microrganismo que não é visto a olhos nus, mas que acabou fazendo parar grandes impérios e países; pequenos países e povos.” E acrescenta: “Se o século XX só começou depois da Primeira Guerra Mundial e da pandemia espanhola, eu acho que o século XXI só vai começar para valer quando nós tivermos, de alguma maneira, vencido e não só vencido, mas aprendido a lidar com o luto e a morte decorrentes

desta pandemia, o Coronavírus, quando tivermos aprendido a interiorizar e a refletir sobre tudo isso.”

A pandemia não é democrática nas mortes, como foi observado. Assim, a desigualdade se acentua e escancara, mesmo que tentem negar ou silenciar a realidade. Sabe-se que, enquanto não houver união social para enfrentar a problemática vigente, ocorrerão mais mortes e a vida se distanciará enormemente da normalidade anterior à pandemia.

A Semana da História pôde evidenciar, com sua ampla programação, quão importante é refletir sobre a história como meio de entender a situação da sociedade ao longo do tempo. Além disso, mostrou que os direitos humanos precisam receber mais atenção a fim de que não haja opressão e se mantenha a integridade humana em tempos difíceis.

On-line, Congresso de Iniciação Científica facilita intercâmbio entre pesquisadores

Karen Titz

O XXXII Congresso de Iniciação Científica da UNESP (CIC) ocorreu entre os dias 20 e 22 de outubro. Diferentemente das edições anteriores, o evento deste ano foi realizado de forma virtual, concentrando-se todos os câmpus da UNESP e suas pesquisas de iniciação científica em um só lugar. Apesar da necessidade de readaptação do evento para uma plataforma *on-line*, a professora Daniela Garcia, vice-presidente da comissão de pesquisa da FCL Assis/UNESP, falou com o **JNC** sobre o benefício dessa mudança, apesar de toda a dificuldade, uma vez que foi possível “propiciar um intercâmbio de conhecimentos e contatos entre pesquisadores e docentes de diferentes unidades da UNESP, podendo ser o acesso ampliado de forma remota e a mobilidade virtual fomentada.”

No dia 20 foi transmitida uma mensagem de boas-vindas do Reitor da UNESP, Prof. Sandro Valentini, e saudações da Pró-reitoria de Pesquisa aos alunos participantes do congresso. O evento na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis prosseguiu com a cerimônia de abertura e contou com uma bela apresentação de música popular brasileira, além da abertura oficial com o diretor Prof. Darío Abel Palmieri.

Na sequência, a professora Daniela Nogueira de Moraes Garcia deu as boas-vindas aos participantes. Sobre a importância do evento, a professora diz: “O CIC permite um compartilhamento de pesquisas muito pertinente. Permite, também, um encontro entre pesquisadores e docentes e, com isso, a troca de conhecimento é maximizada, tornando-se um incentivo ao desenvolvimento de pesquisas. O evento impõe visibilidade às ações desenvolvidas na universidade, envolvendo discentes, docentes, projetos e instituições.”

Luciane de Paula, presidente da Comissão Permanente de Pesquisa (CPP) da FCL Assis/UNESP, apresentou alguns dados a respeito das pesquisas realizadas no Câmpus de Assis, citando 114 submissões de projetos atendidas pelo edital 2020/2021, destacando, assim, a importância da pesquisa e do evento; “não só apresentamos os resultados de nossas pesquisas, mas uma condição humana”.

Dando continuidade ao primeiro dia do evento, foi realizada uma mesa-redonda na qual se falou da “Distribuição e equilíbrio das responsabilidades entre os agentes da pesquisa” com o professor Rodrigo

Batagello, que discorreu sobre as preocupações e desafios relacionados à ética em pesquisa, mencionando o contexto da pandemia e apresentando os conceitos básicos da ética, além de dar alguns esclarecimentos sobre a relação entre o pesquisador e o participante no que concerne à responsabilidade. Em seguida, a professora Regiani Aparecida Santos Zacarias, presidente da Comissão de Ética, fez alguns comentários a respeito da “Ética em pesquisa” e da sua sistematização normativa, explicando sobre integridade e ética.

No período da tarde começaram as apresentações dos painéis dos alunos pesquisadores, divididos em salas *on-line* individuais, os quais contaram com duas horas para exposição dos seus trabalhos a três avaliadores e a outros alunos e pessoas interessadas.

A aluna Rafaela dos Santos Batista, da UNESP/Assis, participou do CIC pela pri-

meira vez, relatando-o ao **JNC**: “A minha primeira participação no CIC foi muito importante. A partir dela pude perceber que faço ciência e o quanto isso é grande e necessário. O evento *on-line* foi ótimo, os avaliadores me fizeram pensar em certas coisas que deparamos no caminho da pesquisa, além de me orientarem e darem sugestões que me ajudaram a ter uma visão mais ampla sobre a pesquisa que faço. O CIC me estimulou muito a continuar. Também muito aprendi ouvindo outros colegas que estão fazendo suas pesquisas. Acredito que essa troca de conhecimento é essencial e que o CIC favorece a interação entre os alunos, além de mostrar-nos a importância de fazer pesquisa no Brasil”.

Feita a avaliação dos painéis, foram selecionados os alunos que participaram da segunda fase do evento realizado, também de forma virtual, nos dias 24 e 25 de novembro.



Marco acadêmico: Museu de Geologia e Ciências Naturais

Criado a partir da iniciativa e do acervo de docentes da UNESP/Assis, o museu poderá receber visitantes e ser utilizado em aulas práticas do curso de Ciências Biológicas

Marlon Junco

Neste ano, a partir do Edital da PROEX, que ofereceu oportunidades com a seleção de propostas de Extensão Universitária, como também de ações educativas de Letramento Científico em Espaços Museológicos e Centros de Ciências, surgiu a idealização de um Museu para a FCL/Assis. A proposta, enviada pela professora Valéria Marta Gomes do Nascimento - atual chefe do Departamento de Ciências Biológicas - foi aceita, dando-se com isso impulso ao surgimento do projeto "Museu de Geologia e Ciências Naturais", o qual reunirá o acervo antes pertencente ao Laboratório de Geologia Ambiental do Câmpus.

Para essa empreitada, a professora Solange Bongiovanni prestou fundamental colaboração. A docente iniciou suas atividades em 1992, na FCL, junto ao Departamento de Ciências Biológicas, inaugurado graças ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no ano de 1990. Solange ministrou várias disciplinas em seu percurso acadêmico, entre as quais as de Prática de Ensino em Geociências, Educação Ambiental, Geologia, Paleontologia, além de outras. Seu trabalho se aliou e acompanhou o curso do qual fez parte em sua profissão. Durante esses 28 anos na docência, a professora levantou um acervo de materiais, usados por ela em suas aulas, os quais de agora em diante estarão presentes no Museu, catalogados sob sua supervisão com a ajuda dos seus orientandos.

O JNC, para saber mais sobre o projeto desenvolvido em parceria, entrevistou Felipe Sarmiento, bolsista que auxilia no projeto, Gustavo Brito, colaborador do Museu, e a professora Solange Bongiovanni que supervisiona o projeto.

JNC: Como foi levantado o material para compor o museu e como surgiu sua criação?

Solange: Desde a minha contratação como docente do Departamento de Ciências Biológicas, há quase três décadas, para lecionar a disciplina de Geologia e Paleontologia, já na primeira turma do curso, comecei a juntar materiais (rochas, minerais e fósseis) além de um acervo de mapas. Muitos desses materiais eu

já tinha, pois quem cursa Geologia sempre tem em casa alguma rocha ou algum mineral trazido das diversas viagens de campo realizadas na graduação. Como cheguei em Assis no mês de julho - as aulas começaram em agosto - já em setembro, levei a primeira turma para Rio Claro, ao Câmpus da UNESP, onde estudei, para visitar os museus de minerais/rochas e fósseis. Foi a partir dessa primeira viagem que começou a coleta/doação que resultou no que existe hoje. Como tinha planejado me aposentar em 2020, a chefe do Departamento, professora Valéria perguntou-me se eu não poderia deixar organizado os materiais que estavam no Laboratório de Geologia Ambiental para que fosse possível, num futuro próximo, montar um museu de Geologia e Ciências Naturais. Desde o segundo semestre de 2019, venho trabalhando nisso.

Felipe: O material foi levantado pela professora Solange Bongiovanni, durante seus 28 anos como professora da disciplina de Geologia e Paleontologia no curso de Ciências Biológicas. As peças foram adquiridas para uso em aulas práticas. Algumas foram doações de amigos. Temos também fósseis recolhidos em viagens de campo.

JNC: O que será feito a partir do projeto "Museu de Geologia e Ciências Naturais"? Quem são seus integrantes?

Felipe: A partir desse projeto nós pensamos em criar um espaço tanto para visitação quanto para aulas práticas, procurando, dessa forma, levar a Faculdade para a comunidade e ter o espaço para o estudo. O projeto é integrado por Felipe "Ney", membro do Centro Acadêmico de Biologia, pela professora Solange Bongiovanni, por Gustavo Reis Brito, doutorando e ex-orientando da professora Solange e pela professora Valéria do Nascimento, Chefe do Departamento de Ciências Biológicas, como coordenadora, além de outros membros que com certeza farão, no futuro, parte do projeto.

Gustavo: Fui convidado pela coordenadora do projeto (Profª Drª. Valéria Nascimento) a "me juntar" aos esforços de criação do museu em razão do meu histórico com o laboratório de Geologia Ambiental, origem do acervo do museu. Trabalhei com a Profª. Solange Bongiovanni praticamente desde meu segundo ano de graduação



Foto: Arquivo pessoal

Alguns exemplares de fósseis, rochas e minerais da coleção do museu

(desde 2010). Atualmente acompanho os trabalhos de preservação e catalogação do acervo, manutenção do site do museu, e também atuo como professor bolsista na graduação de Ciências Biológicas, ministrando a disciplina de Paleontologia para o 3º ano do curso. O laboratório de Geologia Ambiental e, agora, o museu, fazem parte da minha história como biólogo e como ex-aluno. Logo, é um prazer imenso poder fazer parte dessa iniciativa.

JNC: Qual a importância de um museu para a FCL/Assis e para a UNESP em seu todo? O que isso representa?

Felipe: Sua importância advém do fato de tratar-se de um dever da universidade pública para com a comunidade, o dever de oferecer-lhe um espaço, no caso, um museu, como um meio para lhe dar satisfação dos resultados alcançados com as preleções, mostrar o conhecimento que os alunos receberam em prol da sociedade e divulgar um pouco do trabalho realizado por nós na UNESP com outros projetos. Também o Bicho-folha vem fazendo o trabalho de divulgação, já que ele foi

criado para ser um espaço de letramento científico, como foi escrito no projeto Proex. O museu será, além disso, um espaço que vai possibilitar aos alunos de graduação desenvolverem pesquisa na área de Geologia e Paleontologia, importantes áreas e vitais para o curso de Biologia. No momento, no que se refere à pesquisa, estão à disposição dos pesquisadores, no museu, o professor bolsista de Paleontologia, o Gustavo e a professora substituta de Geologia a Juliana Pomari.

Gustavo: Enfatizando o que disse Felipe, a importância do museu no Câmpus vai além da de preservação de um acervo, visto que ele é um espaço que atende não só a academia, mas também a sociedade de um modo geral. Museus de Ciências/História Natural em geral estão distantes da realidade da população, mas agora toda a região de Assis tem a possibilidade de visitar e conhecer um acervo muito interessante e de aprender um pouco mais sobre a extraordinária história do nosso planeta e sobre a longa evolução da vida.

JNC: De que forma ficará disponível o

acesso do museu e em que local da faculdade?

Felipe: O acesso ao museu deverá ser agendado. Em determinados dias, porém, ele estará aberto para visitas, sem agendamento; também em aulas práticas dos cursos de Ciências Biológicas

e Engenharia Biotecnológica, os alunos terão acesso ao museu. Será, além disso, disponibilizada uma versão *on-line* que poderá ser acessada pelo site do Departamento de Ciências Biológicas. A sala do museu se encontra no segundo andar do prédio de Ciências Biológicas.



Foto: STAFF

O novo museu foi contemplado pela Proex em um edital de incentivo ao letramento científico



Foto: Arquivo pessoal

A equipe atual do museu, da esquerda para a direita: Felipe Sarmiento (bolsista PROEX), Me. Gustavo Brito (colaborador) e Drª. Solange Bongiovanni (professora de Geologia e Paleontologia, responsável pelo Laboratório de Geologia Ambiental).

I Encontro Sobre Pensamento Social aborda história de vida e militância

Mateus Abreu

Na terça-feira (17/11), o professor Paulo Henrique Martinez, do Departamento de História da UNESP/Assis, participou do I Encontro sobre Pensamento Social Brasileiro: 100 Anos do Nascimento de Florestan Fernandes é promovido pelo Grupo de Pesquisa: Intelectuais, Esquerdas e Movimentos Sociais Vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista.

A Mesa, composta por: Dr. Paulo Henrique Martinez, da UNESP/Assis; Dr. Haroldo Carvalho Cereza USP, editor do Opera Mundi; Dr. Paulo Henrique Fernandes Silveira, da USP, e mediação de Gustavo Hipólito Giaquinto, da UNESP/FFC, abordou o tema da ação militante na vida e obra de Florestan Fernandes.

O encontro fez um breve relato sobre a história de vida de Florestan Fernandes, sociólogo, antropólogo, escritor, político e professor brasileiro. Teve origem humilde,

trabalhando inicialmente como engraxate, aquele que se tornou um dos maiores sociólogos do país. Formou-se e atuou na Universidade de São Paulo. Sofreu doloroso exílio durante a ditadura militar.

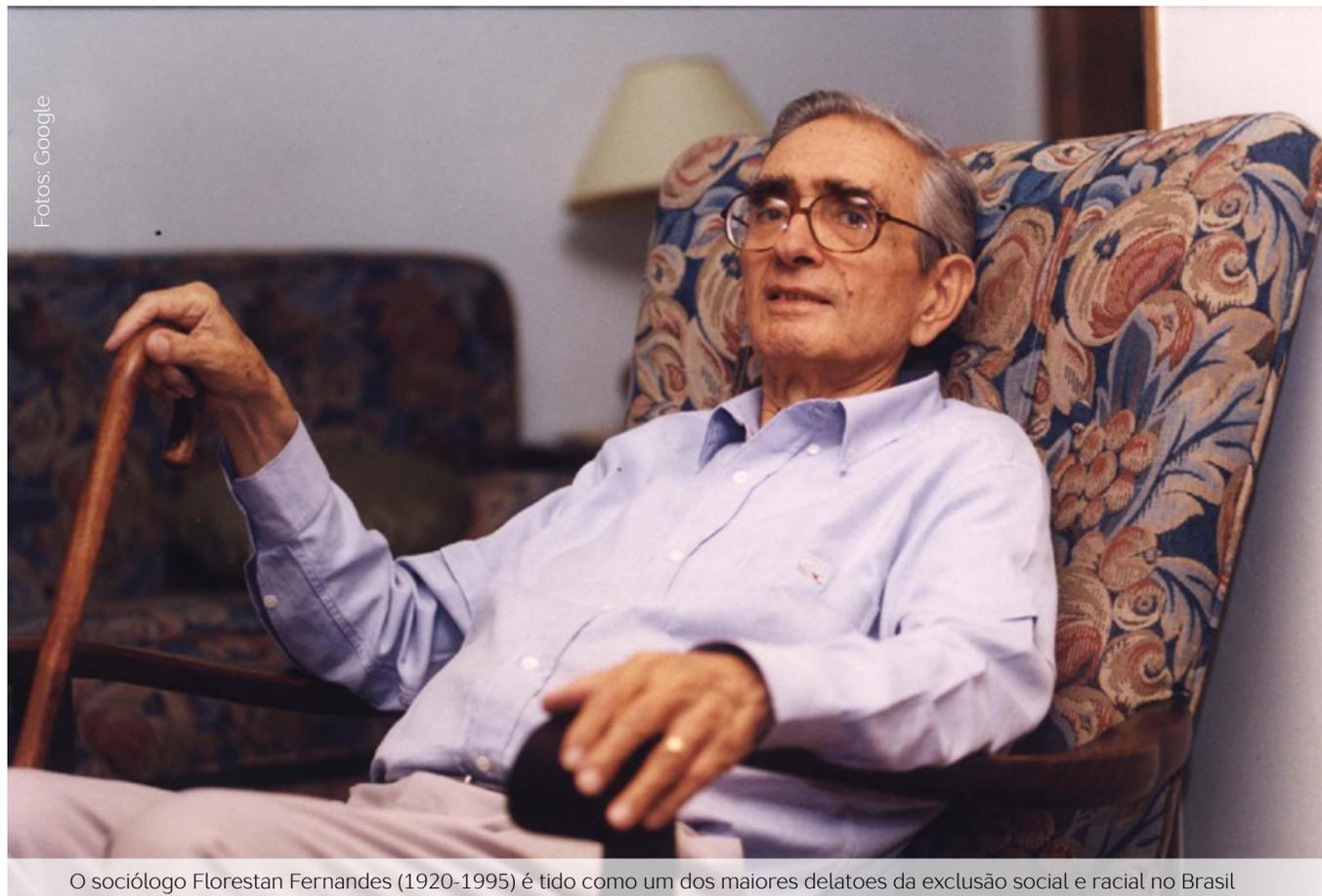
Florestan Fernandes dedicou-se, no início da carreira, ao estudo etnológico dos índios Tupinambá; foi um estudioso das relações étnico-raciais no Brasil, voltando-se às dificuldades de integração democrática de povos não-brancos na sociedade brasileira branca. Em um Brasil, onde a industrialização e a modernidade eram pauta e a escravidão ficara, teoricamente para trás, fazia-se necessário compreender a exclusão social e as estruturas como causadoras da exclusão de pobres e negros.

O sociólogo viveu a desigualdade social, em seus primeiros anos de vida na periferia e no serviço de engraxate. Em 1941, começou seus estudos em ciências sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Em 1945, ingressou como professor assistente no ensino superior e filiou-se ao extinto Partido Socialista Revolucionário. Em

1964, tornou-se livre-docente pela mesma instituição com a defesa da tese: A inserção do negro na sociedade de classes.

Durante a ditadura militar, em 1964, foi preso devido a sua orientação política e atuação docente. Em 1969, foi preso novamente, tendo seu título cassado e acabou exilado, indo viver no Canadá e Estados Unidos, onde lecionou no ensino superior. No ano de 1977, foi professor na Universidade de Yale, e nesse mesmo ano voltou para o Brasil, passando a atuar como professor titular convidado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Sua obra *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*, consagrou-o como um dos maiores delatores da exclusão social e racial no Brasil. Seus estudos contrariavam diversos estudos sociológicos da época. Os grandes problemas, existentes no Brasil, são, para Fernandes, a exclusão e a exploração do proletariado pela burguesia, consequências do racismo e do capitalismo. O encontro completo pode ser assistido no canal de Marcelo Augusto Totti, no [Youtube](#).



Fotos: Google

O sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995) é tido como um dos maiores delatores da exclusão social e racial no Brasil

Psicólogos relatam trabalho com pacientes vítimas da Covid-19

Noemi Santos

No mês de outubro ocorreu o evento "A promoção de Saúde Mental no SUS no contexto de Pandemia do Covid-19", que teve como foco a divulgação da importância dos profissionais de saúde do SUS, principalmente os psicólogos. O PET Psicologia, instituição responsável pelo evento, convidou três psicólogos trabalhadores do SUS, que relataram suas experiências profissionais no atendimento aos infectados pela Covid-19.

A instituição comenta que o evento foi idealizado durante um ciclo de estudos que ocorreu de julho a setembro e organizado pelos próprios integrantes do grupo de estudos, que não tiveram dificuldades em dividir as tarefas, graças à experiência adquirida em planejamentos anteriores.

"Esse evento foi planejado e discutido por todos, mas um subgrupo ficou responsável por executá-lo, tendo como objetivo obter informações dos possíveis convidados, entrar em contato com eles, decidir como, onde e quando seria o encontro, elaborar uma arte, criar o evento no Facebook, emitir certificado", explicam os membros do PET.

Para o evento de outubro, foram convidados um psicólogo clínico do Consultório na Rua (Serviço de Saúde), dois residentes da UNESP de Botucatu, uma atuante na área de Oncologia e outro psicólogo que atendeu pacientes infectados pelo Coronavírus.

Por meio dos relatos destes profissionais os participantes puderam colher informações e avaliar as práticas dos psicólogos, isto é, como atendem os pacientes da pandemia do Covid-19 e o que observam em relação aos sentimentos dessas pessoas que foram afetadas pela doença.

O encontro foi realizado pela plataforma *Google Meet*, que um dia antes do evento atualizou as configurações das reuniões, limitando em 100 o número máximo de participantes, o que decepcionou muitos interessados em participar.

Desta forma, constatada grande procura por parte do público, bem como a relevância do tema, os organizadores decidiram dar continuidade ao evento, propondo que ele seja realizado uma vez por ano.

A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NO SUS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19

16/10 ÀS 17H
NO GOOGLE MEETS



Gilson Gabriel da Silva Firmino, mestre em Psicologia pela UNESP ASSIS SP na linha de pesquisa Atenção Psicossocial e Políticas Públicas (2016). Tem experiência na área de Saúde Coletiva e Saúde Mental, com ênfase em Psicologia



Isabela Dantas da Silva, graduada em Psicologia pela UNESP - Campus Assis. Ex-integrante do Programa de Educação Tutorial (PET Psicologia). Atualmente é psicóloga no Programa de Residência Multiprofissional de Saúde do Adulto e do Idoso na Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB/UNESP)



Vitor Costa Ramos, Psicólogo Residente pelo programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso pela Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB/UNESP)



UNATI promove encontro inédito voltado ao tema do envelhecimento



Karen Titz

No dia 18 de novembro teve início o "I Encontro sobre UNATI e envelhecimento: estudos, reflexões e práticas". A professora Kátia Rodrigues Mello Miranda fez a abertura do evento e comentou sobre o cenário que estamos vivendo, "Em 2020 as atividades continuaram acontecendo com uma configuração diferente devido à pandemia, mas manteve-se a essência do projeto, manteve-se também a relação entre alunos eicineiros".

A mesa de abertura contou com Simone P. da Costa Dourado, professora associada da UEM, doutora em Ciências Sociais pela UERJ, e Camila Cuencas F. Mendes e Silva, psicóloga, mestre e doutora pela UNESP/Assis, que falaram sobre "Os impactos da pandemia de Covid-19 na população idosa". Camila, com suas reflexões, levou-nos a pensar no coletivo, na velhice da população brasileira e no processo de envelhecimento. Simone abordou os impactos da pandemia sobre a população idosa sob a perspectiva da Antropologia, tecendo considerações e sobre o processo de en-

velhecimento da nossa sociedade, bem como sobre o grupo de risco, notadamente os idosos.

Ainda no primeiro dia do evento ocorreram as oficinas de "Tecnologias e o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras para a terceira idade: teoria e prática", com Victor de Oliveira, "Literatura em todos os lugares: a língua estrangeira e a terceira idade", com Beatriz Cardozo e Luan Ramos e "Escuta e envelhecimento no trabalho com idosos", com Larissa Lopez Pinto e Raissa Pinto Rodrigues.

No sábado, 21 de novembro, fizeram-se apresentações de trabalhos e comunicação oral. Para fomentar as discussões dividiram-se os participantes em grupos, agrupando-se cada um, enquanto possível, de acordo com a mesma área de estudo.

No período da tarde debateu-se a respeito de "Perspectivas de pesquisa sobre a UNATI e envelhecimento", tema no qual foram compartilhadas experiências vividas na UNATI em trabalhos de pesquisas. Sobre o tema expuseram suas reflexões Vivian Caruzzo, doutoranda na UNESP/Araraquara, Roana Braga, mestranda na UNESP e Alice Louise, bacha-

rel em Gerontologia.

No dia 23, último do evento, fez-se uma roda de conversa em torno de "Experiências sobre a UNATI" com alunas convidadas da UNATI, oportunidade propícia para conhecermos a UNATI pelo olhar do idoso e entendermos a importância do projeto para a sociedade em geral, uma vez que é, graças aos relatos de alunos voluntários, de pesquisadores e de professores, que conhecemos o projeto.

O encerramento, em que se debateu sobre "Percurso e práticas: a terceira idade no espaço universitário", dele se ocuparam Rogério Pimenta, coordenador das atividades teatrais no programa USP60+, e Marielle Rodrigues Correia, doutora em Psicologia. Nesse momento pudemos ouvir outras ideias sobre o projeto e ampliar conhecimentos a respeito dele, com outras oficinas e outras vivências sob diferentes perspectivas.

Dessa forma, a UNATI da UNESP/Assis proporcionou um evento no qual voluntários de outros câmpus puderam participar, tendo oportunidade de conhecê-lo e dar suas contribuições, além de sentirem-se motivados a divulgá-lo por sua importância para a população idosa e para todos os demais envolvidos.

Professor da FCL explica a atuação de um museólogo em feira de profissões

Mateus Abreu

O professor Paulo Henrique Martinez, do Departamento de História da UNESP/Assis, participou de uma feira de profissões do Colégio Ernani na qual compartilhou a experiência sobre o serviço em museus.

Segundo o professor, as características do serviço em museus, condizem com as de outras profissões do meio cultural, como bibliotecas, acervos, centros de documentação, etc. Uma dessas características seria o contato com diversos tipos de profissionais: arqueólogos, antropólogos, designers, entre vários outros. A formação necessária para o exercício da profissão é proporcionada pela Faculdade de Museologia. O museólogo dedica-se à classificação, conservação e exposição de peças de valor histórico, artístico, cultural e científico. Seu papel é transmitir e divulgar conhecimento, desenvolvendo ações culturais sobre acervos.

Conforme diz o professor, a formação do profissional é multidisciplinar, passa por diversas áreas das artes, ciências humanas, etc. ; "[é] um trabalho de forte interface educativa que divulga e preserva cultura", explicou. Falou também sobre a possibilidade do profissional manter o equilíbrio entre suas pesquisas e o traba-



Paulo Henrique Martinez ministrou a palestra aos alunos da escola Ernani Rodrigues

lho no museu, além de poder conciliar as duas atividades.

Questionado sobre a empregabilidade do profissional, o professor respondeu: "Qualquer emprego hoje no Brasil é difícil, devido à crise econômica pela qual passamos; não há nenhum campo de atuação profissional que represente uma tábua de salvação. Assim, apostamos naquilo que gostamos; pois quando se é um bom pro-

fissional, não importa a área em que se atue, o desempenho sempre levará a melhores condições e melhor rendimento."

Comentou, ainda, que desde os anos 90 houve um crescimento na visitação de museus. Logo, a demanda de empregabilidade na área de museologia tende a crescer, uma vez que é prevista em lei sua participação. O debate completo pode ser acessado [aqui](#).



Professor comentou que o aumento na visitação de museus desde os anos 90 fez crescer a demanda por profissionais museólogos

Tecnologia também na terapia: CPPA adota novo formato de atendimento nesta pandemia

Coordenador do Centro de Pesquisa de Psicologia Aplicada concede entrevista onde fala da necessidade de manter o atendimento ao público, sobretudo neste período de distanciamento social

Vitória de Oliveira

O Centro de Pesquisa de Psicologia Aplicada "Dra. Betti Katzenstein" (CPPA), com sede na Faculdade de Ciências e Letras de Assis há 53 anos, é um Projeto-Escola que desenvolve atividades com enfoque no ensino, pesquisa e extensão, possui vínculo com o curso de Psicologia e vem se consolidando como referência institucional no atendimento à população e em ações extensionistas, juntamente com outros órgãos públicos e privados.

Dessa forma, os estudantes de Psicologia têm a possibilidade de desenvolver diversas atividades em Saúde Pública, especialmente em saúde coletiva mental, bem como de relacionar-se com os usuários em uma abordagem mais humanista, com reflexões éticas, teóricas e técnicas. As práticas de Serviço-Escola se voltam ao cuidado psicológico da população, mas não se restringindo, porém, apenas a isso, pois intervêm em outros campos problemáticos colaborando para a melhoria da qualidade de vida.

O CPPA oferece ao todo oito serviços, os quais são: psicoterapia, orientação familiar, orientação profissional, grupo de apoio a pacientes com obesidade, atendimento a crianças com distúrbio do sono, núcleo de saúde do trabalhador, perícias psicológicas e assessoria em Recursos Humanos (RH). O atendimento não se limita à cidade de Assis, mas se estende a toda região: Borá, Candido Mota, Cruzália, Florínea, Echaporã, Ibirarema, Iepê, Maracaí, Ourinhos, Oscar Bressane, Palmital, Platina, Paraguaçu Paulista, Salto Grande e Tarumã.

A faixa etária do público atendido é bastante variada, há crianças, adolescentes, adultos e idosos que recebem atendimento em diversas modalidades como psicoterapia individual, grupal, familiares e de casais. O CPPA atende também a grupos específicos de idosos, portadores de HIV e de doenças crônicas, obesos e dependente químicos. Os pacientes são atendidos nas dependências da Unidade Auxiliar, em hospitais, em suas residências, em escolas e em Unidades Básicas de Saúde (UBS).

O Centro "Dra. Betti Katzenstein", no dia 29 de outubro de 2020, informou por meio de sua página oficial do Facebook que, enquanto perdura a pandemia, os atendimen-

tos passariam a ser *on-line*. Os novos agendamentos para a triagem começaram no dia 3 de novembro. Os residentes em Assis e região podem efetuar o agendamento pelo telefone fixo (18) 3302-5905, de segunda a sexta-feira, das 12h30 às 16h30.

Essas informações encontram-se no [site da UNESP de Assis](#). O JNC, visando dar informações e esclarecimentos sobre os atendimentos do Centro de Pesquisa de Psicologia Aplicada "Dra. Betti Katzenstein", convidou Gustavo Henrique Dionísio, atual supervisor do CPPA e professor de Psicologia na UNESP de Assis, para falar sobre a importância do CPPA e sobre as inovações provocadas pela pandemia.

O supervisor explica que essa Unidade Auxiliar da UNESP é um espaço voltado não só para a pesquisa, em nível de graduação e pós-graduação, mas também para atendimento a saúde mental. O CPPA, que já atende a comunidade interna, hoje atende, de preferência, a comunidade externa pelo fato de que há mais de dois anos não dispõe de servidores técnicos, de psicólogos. A respeito disso o Centro recorreu à Reitoria, mas até o momento não recebeu resposta. Dessa forma, o atendimento de alunos e funcionários tornou-se inviável.

JNC: Qual a importância do CPPA para a formação do estudante de Psicologia?

Professor Gustavo Dionísio: O CPPA funciona, para muitos casos, como um campo de estágio, pois os discentes além de atenderem pacientes, realizam outras atividades, uma vez que o Centro não se restringe exclusivamente a atendimentos clínicos, mas se ocupa também com atendimentos educativos, de acolhimento de forma geral e de orientação profissional, o que quer dizer que as dependências do CPPA estão abertas a diferentes práticas. Seu papel é ofertar aos estudantes um espaço que viabilize o desenvolvimento da sua prática profissional ainda durante a graduação, uma vez que os professores desenvolvem seus projetos também para serem realizados no CPPA. Esse espaço adequado, que possibilita a realização dessas atividades, visa adequar à exigência do Conselho Regional de Psicologia e passa por sua fiscalização.

JNC: Qual é o impacto das atividades do CPPA na vida de seus pacientes?

Professor Gustavo Dionísio: Eu acredito que o impacto das atividades do CPPA

na vida das pessoas é bastante significativo, pois somos um polo de referência em atendimento clínico. Nossos atendimentos relacionados à saúde mental da população somam-se aos atendimentos públicos dos municípios de Assis e região.

É importante lembrar que o CPPA é um equipamento público, sendo assim nossos atendimentos à saúde mental são gratuitos, amplos e supervisionados pelos docentes do curso de Psicologia.

Ao longo desses anos, tivemos um histórico de alto número de atendimentos. No início dessa década, por exemplo, conseguimos realizar entre dez e doze mil atendimentos anuais. Mas, infelizmente, esse número vem decrescendo significativamente, em razão da perda de uma profissional técnica, que atendia a população tanto interna quanto externa, além das baixas de docentes efetivos, em decorrência de aposentadorias, sem a devida reposição.

Professores substitutos são cada vez em maior número. Muitos praticamente não oferecem estágios por não serem contratados também para essa finalidade e, embora o número de projetos no CPPA venha diminuindo, nós conseguimos obter uma média ainda bastante significativa no que diz respeito ao número de atendimentos. É óbvio que não chegamos ao número anterior entre dez e doze mil, mas atingimos por volta de 5 a 7 mil atendimentos anuais, sobretudo nos últimos anos.

De qualquer forma temos ocupado um espaço estratégico e bastante importante no cenário de atendimento de saúde mental na região; muitas pessoas nos procuram antes de recorrer a outros serviços. Nós nos empenhamos em atendê-las da melhor maneira possível.

JNC: Quais foram as maiores dificuldades encontradas no atendimento *on-line*, na continuidade da pandemia?

Professor Gustavo Dionísio: Foram necessárias e de grande importância as discussões acerca da possibilidade e pertinência do atendimento *on-line* mantidas no Departamento de Psicologia Clínica. Os docentes do Departamento participam, quase majoritariamente, de projetos desenvolvidos no CPPA. Nos debates foram incluídas as normativas do Conselho Federal e Regional de Psicologia, que já vinha discutindo sobre a possibilidade de viabilizar e regulamentar os atendimentos remotos.

Essas discussões abordaram também as normativas da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) por serem os que prestam atendimentos no CPPA estudantes do quarto e quinto anos do curso de Psicologia em estágio. Desse modo, esses atendimentos não podem ser entendidos como profissionais, em sentido denotativo. Essa particularidade justifica a pertinência de os estudantes prestarem atendimentos, evidentemente sob supervisão dos docentes, em caráter de estágio.

De outras reuniões, capitaneadas pelo Conselho e destinadas a decidir estratégias, eu participei na condição de supervisor. Em uma delas, o Conselho e a ABEP decidiram regulamentar provisoriamente, devido ao momento pandêmico, a realização de atendimentos *on-line* pelos discentes de Psicologia, orientados pelos docentes.

Esse processo teve início há aproximadamente três meses. Acompanhamos esses debates e ao mesmo tempo estudamos a questão no Departamento, uma vez que os docentes se responsabilizam por esses atendimentos. Nesse processo, houve muita resistência, mas nós conseguimos oferecer vagas para alguns projetos de estágio a serem realizados com atendimento *on-line* e isso vem acontecendo desde então.

Esse trabalho que vem sendo desenvolvido, eu o avalio como extremamente posi-



Foto: Júnior Marino

CPPA é um Projeto-Escola que atua há 53 anos assistindo moradores de Assis e região

tivo. Isso pode ser deduzido pelo número de pessoas que tem nos procurado. Espero que essa entrevista seja inclusive um veículo de divulgação de nossa disponibilidade de atendimento. Os interessados podem entrar em contato diretamente pelo ramal do Cen-

tro de Pesquisa de Psicologia Aplicada e falar com a Gisele, que solicitará os dados dos interessados para encaminhá-los a mim. As demandas desses interessados, eu as remeterei aos colegas proponentes dos estágios, que os alunos cumprirão atendendo os pacientes por via remota, pela plataforma Google Meet, sempre com a supervisão semanal dos docentes.

O CPPA ficou responsável, juntamente com o CPA de Bauru, com a Ouvidoria da UNESP e com o IEB3, pela construção de um projeto de Teleacolhimento à comunidade interna da UNESP, como um todo, que atua desde o início da pandemia.

O Teleacolhimento é feito por grupos de conversas nos quais nos encontramos para falar sobre o cotidiano e principalmente para criar estratégias educativas a fim de enfrentar a pandemia. Não pode por isso o Teleacolhimento ser entendido como um atendimento psicoterápico, mas como uma conversa de apoio para pessoas que o procuram. Esse Projeto parte das estratégias construídas durante a pandemia pelos Serviços-Escola no intuito de ofertar à população da UNESP um espaço de acolhimento, e vem sendo realizado sobretudo por estagiários do quarto e quinto anos de Psicologia, em conjunto com psicólogos que atuam voluntariamente, e por docentes.



Foto: Google

CFP, CRP e ABEP decidiram regulamentar atendimentos *on-line* provisoriamente

Viagem pela Ilha Desconhecida e pelas artes em tempos distópicos



Em meio ao caos, às vezes esquecemos de procurar a ilha que esta por conhecer. O desejo se desfaz, ainda que a ilha esteja lá, esperando um desbravador. Na imagem acima, a realidade distópica na visão do artista espanhol Josan Gonzales, publicada em sua obra *O futuro é agora*.

Marlon Junco

*“Guerra é paz
Liberdade é escravidão
Ignorância é força”*
(George Orwell, 1984)

*“Meu deus, só agora me lembrei
que a gente morre. Mas- mas eu tam-
bém?!”*
*Não esquecer que por enquanto é
tempo de morangos.*
Sim.”
(Clarice Lispector, *A hora da estrela*)

Esta Seção Cultural une as artes para ampliar os sentidos da vida em tempos caóticos. A arte, além de proporcionar deleite, instiga reflexões pela criticidade que pode conter. Em razão de seu poder emancipador, im-

pacta quem com ela interage através dos sentidos. A literatura, por exemplo, dotada de valor simbólico, juntamente a diferentes artes, puxa o leitor para outra realidade; prende-o de tal modo que o faz inverter o mundo, tornando-o insubmisso a um tipo padrão. O leitor se vincula à leitura de tal modo que se entrega à trama e, de tanto se confidenciar com os livros, torna-se um personagem de uma narrativa maior em construção, como se fosse a sua.

Em um mundo conturbado e dividido, em que a verdade deixou de ser clara, a alegoria da caverna, de Platão, torna-se contemporânea: viver na caverna é o “novo normal”. Nela, os prisioneiros vivem movidos por suas paixões e são levados a não aceitarem o diferente, ainda que verdadeiro. As sombras projetadas em suas paredes orientam o seu mundo e, por meio delas, seus habitantes formam a “realidade”. No entanto, nessa alegoria platônica o que se percebe é o apreço do indivíduo pelo aprisionamento de ideias, a aversão àquilo que não lhe agrada, não fazendo jus às amplas concepções e visões de mundo. Um

sinônimo bem atual para a noção de “caverna” poderia ser a de “bolha”.

Visto isso, é possível pensar que um mundo, tal como “1984”, de George Orwell, está prestes a ser real. No livro, como mostra a epígrafe inicial, os valores são subvertidos e a história é ignorada e depreciada, em um desejo que ela se apague; a liberdade é perdida e o regime totalitário, o comando vigente: “Tudo se esmaecia na névoa. O passado fora anulado, o ato da anulação fora esquecido, a mentira se tornara verdade” (p.94). Com base nessa distopia - gênero que, diferentemente da utopia, refere-se a sociedades em situações opressivas -, questiona-se se a consciência social se expandiu com o tempo.

No mundo de Orwell, quem poderia estar em busca de alguma “ilha desconhecida” para recomeçar a vida? Seria louco quem se dispusesse a isso. A atualidade se mantém pela sistemática cotidiana na qual o trabalho é visto como algo edificador e é colocado, às vezes, acima da vida pessoal. Na busca de ser reconhecido, respeitado e admirado, a ousadia se esmaece aos poucos. O desejo de buscar e desbra-

ambição.

Buscar algo novo, no sentido metafórico, foi tema literário de José Saramago em “*O Conto da Ilha Desconhecida*”. Na narrativa, a fim de ir a uma ilha desconhecida, um homem pede um barco ao rei, que estranha o pedido: “[...]Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas [...]” (p.17). Nesse fragmento, Saramago não faz os diálogos por meio de travessão - aspecto característico de seu estilo de escrita -, mas pelos inícios em maiúsculas, separados por vírgulas.

Ao pegar o barco mediante um cartão autorizado pelo rei, o homem, que também ouve do capitão responsável pelas embarcações que não existia mais esse tipo de ilha, responde: “[...] É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas [...]” (p.27).

A faxineira que trabalhava no reino se junta ao homem em seu plano audacioso, seguindo os dois em busca do desconhecido, mesmo que os geógrafos do rei declarassem não haver ilhas por conhecer. Desafiam, as pessoas não se permitem tamanha

aventuram-se no sublime achar.

A vida, assim como o mar, também pode ser tenebrosa e necessitar de desbravadores sem receios. Além disso, tudo é desconhecido até que não vivenciado: “Se não saís de ti, não chegas a saber quem és” (p.40). Desde modo termina, ou melhor, continua a estória: “[...] Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.” (p.62)

Às vezes, é preciso sonhar, ainda que escondido, para manter o entusiasmo e ser o próprio narrador a se confidenciar em sua trama, dando-lhe direcionamentos múltiplos. Por vezes, esquecemos que um dia morreremos. Quando chegar essa hora, porém, possamos estar bem e felizes com o que a vida nos ofereceu. A literatura e os outros caminhos da arte podem nos dar a compreensão e o sentido da vida. Contudo, é preciso salientar que todos devem (ou deveriam) ter os mesmos direitos: não só os direitos básicos, mas acesso a tantos outros também importantes para a vida, como a literatura e as artes.

Deixo-lhe, enfim, para refletir, o que Candido questionou em “*O direito à literatura*”, texto base desta Seção: “Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?”

DIRETO DA FONTE:

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20Direito%20C3%A0Literatura.pdf>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner; Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PLATÃO. República. Disponível em: http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pd. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

SARAMAGO, José. O Conto da Ilha Desconhecida. Aquarelas Arthur Luiz Piza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

